

Exu: o “filósofo” da comunicação

Aline Matos da Rocha¹

“Somente quem muda pertence
ao meu mundo”.

Nietzsche, *Além do
Bem e do Mal*, 2005, p.
185

Exu Rei: “Exu se encontra em
todo canto”.

*Exu – Além do Bem e do
Mal*²

Legítima ação

Essa tessitura é dedicada a quem se saúda primeiro, possibilitando diversos caminhos, você está disposta e disposto a (não) segui-lo?

Primeiramente, cabe ressaltar que Exu não quer título nenhum, muito menos de filósofo. Se o invento³ como “filósofo” atento para o uso das aspas. Em Frege (2009, p. 134), “uma palavra que se encontre entre aspas não deve ser tomada como tendo sua referência costumeira”, ou seja, usual. Ao evocarmos a palavra filósofo temos de forma direta ou indireta uma imagem socialmente construída do que o Filósofo é.

Tal imagem frequentemente associada ao branco masculino e ao modo de produção euro-norteamericano de pensamento, necessita ser constantemente (re) visitada, desconstruída e reconstruída, aqui (e já nos escapa) habita Exu. Este é e não é “filósofo”, pois para ele não existe porta fechada, e definição não lhe cabe, aquela aprisiona e Exu “é livre como o ar que o representa no espiral dos redemoinhos” (MACHADO, 2010).

¹ Mestranda em filosofia na Universidade Federal de Goiás – UFG. matosdarochoaaline@gmail.com

² Documentário dirigido por Werner Salles Bagetti. Disponível em: <https://vimeo.com/51492394>.

³ “**Yangi**: Você me inventa, mas não me veta” (Exu – A Boca do Universo, 2014, p. 08).

Pensando para além das regularidades de sentido que estabelece o fixo, me avizinho de Exu porque este preside e atravessa as minhas palavras, viabilizando experienciar e pensar a filosofia de outro modo. Distante de uma perspectiva hegemônica, recusando classificação, hierarquização, fixa (ação).

Interessa-me, (não) entender Exu desde a filosofia, em especial a filosofia africana⁴, da qual Exu por ser seu princípio comunicador é um elemento fundamental e “força propulsora” (SOARES, 2008, p. 15). De acordo com flor do nascimento (2012, p. 82):

Podemos chamar de “filosofia africana” a este modo de pensar *desde* o continente Africano, com seus pressupostos afirmados a partir da cosmovisão histórica não meramente colonial, mesmo que para pensar assuntos relacionados com o ocidente europeu ou eurocêntrico. Desse modo, temos de considerar tanto a filosofia africana produzida sob os moldes eurocêntricos, como também o pensamento tradicional que vive constantemente no continente, produzindo uma filosofia *desde* o continente africano.

Exu preserva os fundamentos essenciais da filosofia africana: a comunicação, a mudança, a não hierarquização, especialmente de um pensamento sobre o outro, já que percorre caminhos e descaminhos na filosofia ocidental com os pés dançantes sobre o terreiro da filosofia africana. Esta quando produzida sob os moldes eurocêntricos não se sobrepõe ao pensamento tradicional africano. Um caminho não é mais seguro, (in) certo e aceitável do que o outro. Ambos se (en) cruzam.

Desse modo, se não escolhi (in) compreender Exu através da antropologia e da sociologia⁵, nisto não reside uma desvalorização ou exclusão das narrativas comumente feitas. De acordo com Soares (2008, p. 27):

À natureza do orixá Exu que não se deixa escanear pelos esquemas lógicos da cultura ocidental e que embora atualmente seja muito estudado, tem a peculiaridade de ser apenas ou quase sempre descrito, tendo como ponto de vista o seu aspecto antropológico, não entendido filosoficamente, uma vez que o mesmo não opera na lógica de quem se propõe a pensá-lo.

⁴ Bem como a filosofia afrodiáspórica.

⁵ Considero que Exu tem que ser pensado também em/por outras áreas.

Nesse sentido – e não só –, proponho (re) pensar Exu como um “filósofo” que se comunica com outras experiências de pensamento, ao transitar entre os mundos do Òrun⁶ e do Àiyé⁷, estabelecendo a comunicação entre eles. Da mesma maneira, (des) velar a filosofia que existe em Exu, pois “está sempre a ensinar de forma filosofante” (SOARES, 2008, p. 34). Visto que, em sina com as palavras, instaura (ação), trans-figura-ação, (arte) manha, faz, desfaz, se move em muitas direções, avisa, brinca, (en) canta, caçador de mudanças. Pensamento que (des) anda no abstrato concreto. Sem Exu⁸ a vida não teria início, comunicação, interação, pois ele é a força que dinamiza e vitaliza tudo e a todos. Em Soares (2008, p. 39):

Falar de Exu ser o principal não significa aqui subestimar a importância dos outros orixás, no entanto, quer dizer da necessidade de Exu para a realização do culto aos Orixás, onde este leva e traz mensagens e ebós, funciona como intérprete lingüístico dos Orixás, no oráculo é ele quem responde quando a mãe ou pai-de-santo consulta os búzios, além do papel que este desempenha na regência do cosmo, na visão dos iorubanos onde é parte individual e a energia vital de cada ser, sendo como *Olodumaré* parte constituinte de tudo que há no Órun e no Àiyé. Cabe a ele levar as oferendas dos humanos aos Orixás.

Em consonância, cabe a ele também nos ensinar a pensar em termos de conversa. Em virtude disso, não vamos deixar de dialogar com as falas da antropologia e da sociologia, que incessantemente escrevem sobre as religiões afro-brasileiras, possibilitando nosso entendimento – ou não. Dado que Exu está sempre desconfiado do que há por trás dos ditos e escritos.

Dessa forma, não podemos considerar que *tudo* o que lemos em um artigo, monografia, dissertação, tese ou livro sobre as religiões de matrizes africanas, se constituem especificamente daquele modo ou representam a verdade. As referidas religiões são de iniciação, segredo e multiplicidade. Ou seja, muita coisa que foi escrita, e que se escreve, é um “pôr na palha”. De acordo com Hampaté Bâ (2010, p. 183):

⁶ Céu.

⁷ Terra.

⁸ O principal Orixá que instaura o princípio.

A fórmula “pôr na palha”, que consiste em enganar uma pessoa com alguma história improvisada quando não se pode dizer a verdade, foi inventada a partir do momento em que o poder colonial passou a enviar seus agentes ou representantes com o propósito de fazer pesquisas etnológicas sem aceitar viver sob as condições exigidas. Muitos etnólogos foram vítimas inconscientes desta tática.... Quantos não pensavam ter compreendido completamente determinada realidade quando, sem vivê-la, não poderiam verdadeiramente tê-la conhecido.

Muitos antropólogos e muitas antropólogas, assim como, sociólogos e sociólogas, acreditam que quando vão aos terreiros e escutam⁹ as Iyalorixás e os Babalorixás. Posteriormente, ao redigirem seus trabalhos acadêmicos, embasados nas suas descrições, estão escrevendo sobre o que de *fato* acontece em uma casa de santo. Não obstante, desconhecem a fórmula “pôr na palha”.

Não é por “maldade” que as Iyalorixás e os Babalorixás não contam *tudo* o que acontece em seus terreiros, “que compreende um lugar atemporal e possui métodos próprios de aprender e ensinar” (MACHADO, 2010). Não podemos esquecer que as religiões de matrizes africanas são portadoras de segredos, e se você não está disposta e disposto a vivê-lo, como irá mantê-lo, guardá-lo e respeitá-lo? A contínua inserção de outros sujeitos¹⁰ no espaço acadêmico, contribui para que essas narrativas adquiram interpretações e redações diferentes. Menos ingênuas, e com o cuidado que devemos ter com os passos.

Assim como estabelecem uma releitura e oposição aos primeiros relatos feitos por missionários católicos, etnólogos e cânones antropológicos sobre as religiões de matrizes africanas, que estão muitas vezes permeados de um olhar enviesado¹¹, a serviço da inferiorização das populações negras e suas manifestações.

⁹ A própria noção de escuta é complicada quando estamos inseridas e inseridos na academia, tendo em vista o fazer pesquisa. Não convoco a uma neutralidade ou impessoalidade, mas um (re) aprender a escutar. Ou seja, o constante distanciamento de critérios eminentemente pessoais, assim como o acúmulo do arcabouço teórico, em que se fica associando constantemente a fala das Iyalorixás e dos Babalorixás aos pensamentos de autores. Devemos nos ater ao que Hampaté Bâ (2010, p. 212) evoca: “A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se ‘à escuta’”.

¹⁰ As pessoas que vivem as religiões de matrizes africanas, especialmente as populações negras.

¹¹ Contribuição do etnocentrismo cristão.

Em que Exu representa a pior das expressões: o demônio. De acordo com flor do nascimento (2014, p. 71):

Demônio, entidade que não faz e nunca fez parte do conjunto de crenças dos povos africanos, o que expressa profunda ignorância sobre a visão de mundo africana que se refugiou no candomblé e na umbanda. Como somos também herdeiros da tradição que vê no demônio o mal absoluto que deve ser combatido, vemos a batalha arbitrariamente transferida para as religiões de matrizes africanas, inclusive lhes atribuindo, de modo difamatório, características que não são suas, práticas que não lhe dizem respeito.

Em vista disso, se Exu é uma força vital que mobiliza tudo e a todos, é também uma força negada e desprezada, tal como a filosofia africana, em que antes de começarmos a falar, surge a perversa questão metafísica: a filosofia africana *existe*? Tanto quanto a propalada afirmação: Exu é demônio. Estas argumentações servem para imobilizar quem não se imobiliza. “Exu é negro. Um poderoso e imenso orixá negro. É o orixá mais próximo dos seres humanos porque representa a vontade, o desejo, a sexualidade, a dúvida” (CAPUTO, 2009). A filosofia africana representa um pensamento *desde* o continente Africano, ou seja, que o leva em consideração. Dessa forma, o profundo desprezo a Exu e a permanente subalternização da filosofia africana, tida como *ilegítima*, estão alicerçados no racismo:

Entendido como conjunto de ideias e projetos de poder que hierarquizava – e, de modo levemente diferente, ainda hierarquiza – pessoas em todo o mundo para o proveito de algumas. O racismo moderno apareceu como uma das maneiras de naturalizar as relações de dominação existentes no mundo. As projeções assumiram muitas formas e, ainda hoje, passado quase meio milênio, sentimos seus efeitos de modo contundente (flor do nascimento, 2014).

Um dos efeitos desse conjunto de ideias e projetos de poder que hierarquiza as pessoas negras em benefício de alguns, é o modo contundente como a filosofia africana é contestada no ensino de filosofia. Essa ignorância por parte de muitos docentes do pensamento africano na constituição do pensamento brasileiro, é um

modo de rejeitar e negar a compreensão de si mesmo¹². Ou seja, um narciso que não gosta de espelho. Assim, não poderá vê-lo e se comunicar com sua outra face¹³, que é dupla, múltipla, talvez exúnica.

Ante o exposto, nos questionamos: Exu não pode? (CAPUTO, 2009). Isto deve ser levado em consideração, tendo em vista o cenário eurocêntrico, no qual está situado o ensino de filosofia no Brasil. Compreendemos que a implementação do Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que determina o ensino da cultura e história africanas e afro-brasileiras nos currículos de todas as disciplinas, fornece um percurso que pode ser percorrido por cada uma e cada um de nós.

No entanto, caminhar nas encruzilhadas, ainda é trilha negada por muitos. Desse modo, os passos ficam sem ser efetivamente dados. Contudo, não permanecem sem ser movidos e comunicados, esse texto en-contra-posição. Exu não lamenta a ignorância, os mal ditos. Ao (in)verso, compreende que a sua interpretação e da filosofia africana, são bem maiores que o entendimento¹⁴ ocidental deles. Como se pode notar em um trecho do espetáculo teatral “Exu – A Boca do Universo” escrita por Daniel Arcades e Fernanda Júlia (2014, p. 16):

Yangi: Olha, quero resolver esse negócio de vez, porque não vou ficar lamentando ter ganhado o papel de antagonista da história se essa história não é minha. Dê aos seus os seus personagens.

Portanto, Yangi, do entre lugar que falo lhe ofereço essa invenção. É um personagem que possui uma imagem afixada, a qual você vira, revira, transformando-a em tudo e nada.

Mojubá

!

¹² Estendendo essa incompreensão as/aos estudantes, pois lhes privam o contato com outras perspectivas, inviabilizando o alargamento dos seus pensamentos.

¹³ Desconfie de quem não fala com o espelho.

¹⁴ Tendo em vista esse modo de entendimento ocidental ligado à apreensão – como prender Exu? Concluímos que Exu não se entende, seu entendimento é aberto, escorregadio. Portanto, Exu é a própria (in)expressão da proposição que foi atribuída a Sócrates: “sei que nada sei”. Ou seja, Exu estabelece modos brincantes de brincar com nossa compreensão. Bagunçando-a.

Referências

CAPUTO, Stela Guedes. **Exu não Pode?** 2009. Disponível em <<http://www.geledes.org.br>>. Acesso em 16 de mai. 2016

Exu – A Boca do Universo. Texto: Daniel Arcades; Coautoria: Fernanda Júlia. **NATA – Núcleo AfroBrasileiro de Teatro de Alagoinhas**. Fundação da Biblioteca Nacional. Salvador, março de 2014.

flor do nascimento, wanderson. Afrorreligiosidade na mira do racismo. **Correio Braziliense/DF** – Opinião – pág: A11. Seg, 3 de Março de 2014.

_____. Outras Vozes no Ensino de Filosofia: o pensamento africano e afro-brasileiro. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18, mai – out/2012, p. 74-89.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Paulo Alcoforado (Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África I**. Metodologia e Pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

MACHADO, Vanda. **Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias**. VI ENECULT: encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador – BA, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Paulo César de Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação**: imagens, discursos e narrativas. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza - CE, 2008.